

A ESCRITA DA MEMÓRIA - A CONTRIBUIÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL PARA A PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL DA CASA DA GLÓRIA

(DIAMANTINA-MG)

 <http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v7i2.1562>

Isabella Brandão Lara

Bacharel em Ecologia pelo UNIBH e Educadora do Memorial Minas Gerais Vale
isabellabrandaolara@gmail.com



Recebido em: 23/05/2015 – Aceito em 19/06/2015

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo demonstrar as diversas versões que as fontes apontam para a história da Casa da Glória, localizada na cidade de Diamantina, Minas Gerais, e símbolo da campanha "Diamantina Patrimônio Cultural da Humanidade". Pretende-se, com a diversidade de narrativas históricas, ampliar o olhar que a população e os visitantes têm sobre este imóvel e demonstrar como essa multiplicidade de vozes compõem formas coletivas e individuais de se relacionar com o patrimônio material. A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa foi a realização de entrevistas, levantamento de fontes documentais e referencial bibliográfico. A principal conclusão deste artigo corrobora com a ideia de que é preciso conhecer para preservar. Quando a comunidade sente-se pertencente a um patrimônio, os próprios moradores atuam como guardião do bem e colaboram para a ampliação de seus processos de conservação e relevância social.

Palavras-chave: Casa da Glória, Passadiço, Colégio Nossa Senhora das Dores.

Abstract: This study aims to demonstrate the different versions that the sources point to the history of the House of Glory, located in the city of Diamantina, Minas Gerais, and symbol of the campaign "Diamantina Cultural Heritage". It is intended, with the diversity of historical narratives, broaden perspectives that the population and visitors have about this property and demonstrate how this multiplicity of voices make collective and individual ways of relating to the material heritage. The methodology used to develop this research was conducting interviews, survey of documentary sources and bibliographic references. The main conclusion of this article corroborates the idea that you need to know to preserve. When the community feels belonging to an estate, the residents themselves act as guardian of good and collaborate to expand their conservation processes and social relevance.

Keywords: House of Glory, Walkway, College Our Lady of Sorrows.

A Casa da Glória

Este artigo é resultado das pesquisas realizadas para a produção do documentário cinematográfico "Ouço Passos no Passadiço" (W4 FILMES, 2015), produzido por Isabella Brandão e Leandro Wenceslau. Nele, há uma colaboração para a retomada da história de construção e ocupação do prédio da Casa da Glória, localizado na cidade de Diamantina, em Minas Gerais. Esta edificação é considerada uma das mais notáveis da cidade por ser símbolo da campanha "Diamantina Patrimônio Cultural da Humanidade"¹ (1999) e por ser um dos principais pontos turísticos da região. Além disso, a Casa da Glória apresenta significativa importância para a história de Minas Gerais por ter sido residência dos intendentos dos diamantes da Coroa Portuguesa, por ter sido casa de renomados personagens diamantinos – como Josefa Maria da Glória e Rodrigo de Souza Reis –, por ter sediado o bispado de Diamantina, abrigado o Colégio Nossa Senhora das Dores por 102 anos e por hoje ser base do Instituto Eschwege de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais e do Instituto Cultural Casa da Glória.

¹Diamantina foi uma das primeiras cidades brasileiras tombadas como monumento histórico pelo IPHAN. O tombamento nacional ocorreu em 1938, e somente no final da década de 1990, por iniciativa popular, a Prefeitura Municipal de Diamantina fez a inscrição de um Dossiê de Candidatura no Comitê de Patrimônio Mundial da UNESCO, solicitando o tombamento de seu Centro Histórico no âmbito internacional. Tal pedido foi atendido em dezembro de 1999, durante o 23º Encontro Anual da UNESCO, em Marrakech, Marrocos (SILVEIRA *et al.*, 2012).

A estrutura atual da Casa da Glória conta com dois sobrados de estilo colonial, de dois andares cada, localizados em lados opostos da mesma rua e que são ligados por um passadiço suspenso de madeira que atravessa a via pública (Figura 01). Como anexo ao prédio à direita de quem sobe a rua, encontra-se uma lavanderia com tanques de pedra em cantaria, um galpão que é utilizado como auditório e teatro, e o Pavilhão Dom Serafim, uma construção horizontal, de um só andar, que atualmente funciona como refeitório.

Ao longo de mais de duzentos anos, muitos documentos foram perdidos e muitos mitos foram criados em torno da Casa da Glória. Partindo de uma narrativa linear, que começa entre 1775 e 1780, quando o primeiro prédio foi construído, até os dias de hoje, há diversas lacunas na história da casa que não são preenchidas por nenhum vestígio documental. Algumas questões surgem no universo popular, em que o embasamento comprobatório pouco existe. São versões dos fatos alimentados pelo imaginário popular, por crenças, casos, ensinamentos passados de pais para filhos. É um universo casual, por vezes místico, que reinterpreta e renova o olhar sobre o passado da Casa da Glória. Por isso, o objetivo deste artigo é demonstrar as diversas versões que as fontes apontam para a história da Casa da Glória. Pretende-se, com a diversidade de narrativas históricas, ampliar o olhar que a população e os visitantes têm sobre o edifício e demonstrar como essa multiplicidade de vozes compõem formas coletivas e individuais de se relacionar com o patrimônio material.



Figura 01 – Vista parcial do prédio da Casa da Glória. Destaque para o passadiço sobre a Rua da Glória. Data provável: 1900-1910.

Fonte: Arquivo Público Mineiro

A metodologia utilizada para a coleta de dados envolveu a realização de entrevistas com moradores de Diamantina, consulta a diários de viajantes do século XIX, busca por documentos oficiais emitidos pela Câmara Municipal, análise de registros fotográficos de acervos particulares, de cartas encontradas na Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Minas Gerais (IPHAN/MG) e na leitura dos poucos artigos que existem sobre o local, sendo a maior parte deles referentes ao período de ocupação pelo Colégio Nossa Senhora das Dores (ASANO, 1999; ASANO, 2002; LAGE, 2008; LAGE 2013; LEMOS, 2006; MARTINS E MARTINS, 1993;). Seis pessoas participaram das entrevistas: duas ex-alunas no Colégio Nossa

Senhora das Dores, as senhoras Aparecida Leão (83) e América Abbas (92); a autora do livro sobre o possível construtor do passadiço da Casa da Glória, Maria da Conceição Duarte Tibães, moradora da cidade; o editor chefe do jornal "A Voz de Diamantina" e conhecedor da história da região, Joaquim Ribeiro Barbosa, o Quincas; o historiador diamantinense Erildo Antônio Nascimento, ex-secretário de Cultura e Turismo da cidade e ex-funcionário do IPHAN e; a atual diretora do Instituto Casa da Glória – gestão 2014-2016 – Mariana de Oliveira Lacerda. As entrevistas foram gravadas em formato de áudio e vídeo e a divulgação de seus resultados foi autorizada pelos entrevistados.

A Mulher por detrás da Cada da Glória

Nas diversas versões apresentadas pelos entrevistados, um nome apareceu como protagonista: Josefa Maria da Glória. Esta mulher, que viveu em Diamantina entre o final do século XVIII e início do século XIX, teve seu nome eternizado tanto na Casa, quanto na Rua da Glória. O motivo de tal homenagem deve-se ao fato de atribuírem à Josefa Maria da Glória a construção do sobrado à direita de quem sobre a rua. Este teria sido construído entre os anos de 1775 e 1780 e por lá a senhora residiu com seu marido e filhos até a primeira década do século XIX. À Josefa Maria da Glória também atribuem a posse de diversos bens e escravos, além de terrenos que hoje integram bairros da cidade de Diamantina, incluindo o bairro Glória. Não há documentação que comprove a sua posse à Casa da Glória. No seu inventário, que está localizado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina, consta o patrimônio da família, mas não há menção sobre este prédio. O fato é que a população da cidade toma esta versão como a mais aceita e vê em Josefa Maria da Glória uma influente mulher que, após ficar viúva, tocou os negócios por conta própria.

Outras pessoas afirmam que Josefa Maria da Glória foi uma cafetina que se enriqueceu durante o período do garimpo dos diamantes no Arraial do Tijuco. Sobre esta versão há poucas menções. Uma hipótese que talvez explique o motivo de tal silêncio, é que Josefa Maria da Glória contribuía financeiramente com a Igreja Católica e, por ter seu nome espalhado pela cidade de Diamantina, viu-se como mais apropriado mantê-la com uma imagem virtuosa. Sobre isso, Dona Maria da Conceição Duarte Tibães, de 82 anos, afirma que:

As Irmãs [Vicentinas] viviam do lado direito de quem sobe a rua, num prédio que pertenceu a cafetina Maria da Glória, por isso a rua se chama "Rua da Glória". Essa cafetina se apoderou e fez aqui desse prédio [...] ela fez daqui o seu prostíbulo (TIBÃES, 2014).

A questão que se põe em relação à Josefa Maria da Glória, ainda sem respostas, refere-se a este poder que ela assumiu diante a população diamantinense. Uma mulher que, embora casada, não tenha grandes referências sobre o seu marido, e que ganhou grande destaque em pleno início do século XIX. De ampla importância pública, por repetidas referências ao seu nome em diversos espaços da cidade, Josefa Maria da Glória também apresentava influência política, como é descrito por Joaquim Felício dos Santos, na ocasião da visita do Governador da Província de Minas ao Arraial do Tijuco em 1801:

À noite um magnífico baile à custa do povo, por meio de uma subscrição foi oferecido ao Governador na casa denominada Glória, por pertencer a Dona Josefa Maria da Glória, e que deu nome à rua onde está situada. Era então um rico, lindo e majestoso edifício, como mostram suas quase-ruínas, com amenos jardins, chafarizes, tanques, bosques artificiais, alamedados com graça, labirintos de roseiras entrelaçadas: um dos melhores edifícios do Tijuco (SANTOS, 1976:195).

Este relato, publicado originalmente em 1868, ressalta a imponência e deslumbramento que o edifício da Casa da Glória despertava em seus visitantes, mesmo aparentando, à época, passar por uma má fase de conservação. Sobre Josefa Maria da Glória também é importante ressaltar que não há pinturas, ilustrações ou demais elementos iconográficos associadas à sua pessoa. E o fato do historiador Joaquim Felício dos Santos ter mencionado esta casa em seu livro, não comprova de quem era a sua posse, nem foram encontradas informações de como a mesma foi construída ou vendida.

De Casa de Josefa à Casa dos Intendentes do Diamante (1801-1822)

Falar sobre Diamantina no período colonial e imperial sem mencionar a atividade garimperia, principalmente a extração de diamantes, é ocultar parte significativa da história regional que nos permite compreender os seus aspectos econômicos, sociais e culturais até os dias de hoje.

O Arraial do Tijuco, como era conhecida a cidade de Diamantina no século XVIII, teve a sua fundação no ano de 1713 e sua povoação inicial está relacionada à riqueza aurífera. Grande número de pessoas foram atraídas pela descoberta do ouro na Comarca do Serro Frio e por ali estabeleceram-se com suas famílias. Porém, com a descoberta dos diamantes em 1729, houve uma ocupação ainda maior, que deu origem a diversos vilarejos e arraiais, além do rápido crescimento demográfico do Tijuco (Figura 02).



Figura 02: "Demarcação da Terra que produz Diamantes". Mapa de 1729 que apresenta os principais vilarejos, arraiais e bacias hidrográficas da região do Tijuco. Fonte: Lacerda, 2014b, volume 2, p. 6.

Parte significativa da população de Diamantina no século XVIII era formada por mineradores, garimpeiros, comerciantes e escravos (MARTINS, 2014). Uma dessas escravas, a Chica da Silva, se tornou um ícone na história brasileira por ter se relacionado com o rico contratador João Fernandes de Oliveira e atingido o ápice do destaque social, deslumbrando de grande poder e influência. Felício dos Santos (1976), demonstra não compreender tamanha paixão do contratador pela escrava ao ponto de solicitar sua liberação e realizar todos os seus desejos. Segundo o autor, ela não possuía graças, beleza, não tinha educação e nem atrativos (1976, p.124). Mas, mesmo assim, João Fernandes teve treze filhos com Chica e buscou satisfazer suas mais diversas vontades. Talvez as mais extravagantes tenham sido o "Mar da Chica", lago artificial construído na região de Diamantina para atender vontade da amada em navegar, e a luxuosa chácara em formato de castelo, localizada em uma área periférica do Tijuco. Sobre esta chácara, os entrevistados relatam que parte de seu material, após a demolição, foi utilizado na construção da Casa da Glória. Em visita à Casa é possível se deparar com duas pilastras que são atribuídas à chácara de Chica da Silva (Figura 03). No entanto, vale ressaltar, que não há nenhuma comprovação acerca da veracidade desta informação.



Figura 03: Pilastra atribuída à Chácara de Chica da Silva. Instituto Casa da Glória, 2015. Foto: Isabella Brandão Lara

Ainda no contexto do garimpo, para fiscalizar a exploração mineral em toda a

área de Demarcação Diamantina, foi criada em 1734 a Intendência dos Diamantes. Sua sede era localizada no Arraial do Tijuco e sua organização contava com um intendente, um contador, um fiscal e um escrivão (CA-MARGO, 2015). Segundo Saint-Hilaire (1974), o intendente era considerado um juiz, a quem compete o conhecimento dos delitos relativos ao contrabando de diamantes cometidos em toda a Província de Minas.

O poder do intendente é quase absoluto. Ele regulamenta à vontade tudo o que concerne ao trabalho das minas de diamantes, substitui ou suspende empregados, permite ou impede a entrada no Distrito, toma as medidas que julga convenientes para impedir o contrabando, dispõe da força militar, etc. A autoridade do intendente não se limita apenas ao que diz respeito aos diamantes; é ainda o encarregado do policiamento do seu distrito; é ao mesmo tempo administrador e juiz, e é preciso que para esta última qualidade tenha ele estudado jurisprudência (SAINT-HILLAIRE, 1974: 14).

De acordo com o historiador Erildo do Nascimento (2015), após o período de ocupação da Casa da Glória por Josefa Maria da Glória, o prédio tornou-se sede da Intendência dos diamantes. Nela morou o intendente Modesto Antônio Mayer entre os anos de 1801 e 1807, seguido por Manuel Ferreira da Câmara Bitencourt e Sá, até o ano de 1822. O intendente Câmara, como era conhecido, foi o primeiro intendente de nacionalidade brasileira e ganhou destaque e popularidade por abraçar as causas do povo (MACHADO FILHO, 1980).

A justiça era distribuída pelo Dr. Câmara, de modo paternal; ele não deixava protelar nenhum caso. Tanto quanto lhe era possível procurava abandonar as vãs formalidades, visando conciliar as partes e poupar-lhes gastos. Vivia entre os empregados e os habitantes do Tijuco como no meio de seus iguais. A gente do povo amava-o e, bastante afastada dele para poder cobiçar o seu lugar, ela era unânime em elogiá-lo (SAINT-HILLAIRE, 1974: 41).

Auguste Saint Hillaire foi um naturalista francês que esteve no Brasil entre os anos de 1816 a 1822. Seus relatos de viagens por Minas Gerais dão importante contribuição para a análise da sociedade, da arquitetura, da vegetação, das atividades comerciais do início do século XIX. Em certa parte de seu diário, Saint-Hilaire descreve que foi hospedado pelo intendente Câmara em sua residência, mas seu relato não deixa claro se o viajante se referia à Casa da Glória.

Após duas léguas chegamos enfim à capital do Distrito dos Diamantes. Como procediam a reparos no edifício da Intendência, o Sr. Câmara tinha sido obrigado a passar para uma casa que apenas dava para sua família. Fui então hospedado em um prédio outrora habitado pelos intendentess do distrito, mas as refeições eu ia fazer em casa do Sr. Câmara [...] A sede da intendência possui talvez a mais bela varanda que existe em toda a província. Essa casa possui um vasto cercado plantado de laranjeiras e jabuticabeiras. O solo fora trabalhado pelos mineradores e despojado de sua terra vegetal tornou-se de extrema esterilidade (SAINT-HILLAIRE, 1974: 27 e 29).

Dois outros personagens da História do Brasil que teriam sido atraídos pelos encantos da Casa da Glória foram Dom Pedro I e Dona Leopoldina. Segundo relatos, os recém-casados haveriam passado alguns dias de suas núpcias no casarão de Diamantina. Sobre isso, não há fontes que colaborem. Entretanto, há menção a uma celebração pelo casamento do príncipe no portal eletrônico da Secretaria do Estado de Turismo de Minas Gerais (2015) e no livro de Paulo Kruger Corrêa Mourão:

Em 1818, o Intendente Câmara comemorou nesta casa, durante seis dias, com excepcional pompa, os desposórios do Príncipe D. Pedro com a Arquiduquesa d'Áustria Dona Leopoldina, havendo iluminação especial e festividades de fazerem época na história do Tijuco. (MOURÃO, 1959, p.274).

Em nenhuma destas duas fontes pesquisadas há relatos da presença dos imperadores no Tijuco. Fica a dúvida se a possível comemoração teria sido uma homenagem isolada do Intendente Câmara ou um evento que contou com a presença dos nobres recém-casados. O fato é que a Casa da Glória, por ter sido sede da administração da Coroa Portuguesa em Minas Gerias e palco de eventos políticos e sociais, potencializa a sua importância na participação na história regional de Diamantina.

Entre o abandono e a Educação Religiosa (1822-1867)

O período entre os anos de 1822 e 1864 corresponde a uma fase de completo desconhecimento da história da Casa da Glória. Até o momento, não foram encontrados documentos, vestígios e relatos sobre a sua ocupação nas quatro décadas que seguiram após o fim das atividades como sede da Intendência dos Diamantes. Porém, em 1864, a Casa da Glória passou a ser posse do Bispado de Diamantina e foi indicada a ser residência do bispo D. João Antônio do Santos. Este, no entanto, destinou o prédio às obras assistenciais das Irmãs francesas da Congregação Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, que desde o ano de 1849 atuavam em Minas Gerais principalmente no campo da educação feminina. Ana Cristina Pereira Lage explica que o pensamento católico do século XIX embasou-se no movimento de ultramontanismo, ou seja, na expansão da Igreja Católica e na sua liberdade e independência do Estado. Este pensamento foi marcado pelo centralismo romano, o fechamento sobre si mesmo e a recusa do contato com novas ideias. Como principal instrumento de expansão deste novo discurso do catolicismo, estavam as mulheres. Segundo a pesquisadora, educar a mulher para a religião católica era formar agentes sociais de multiplicação da religião, uma vez que as mulheres são mais devotas e podem perpetuar a fé na família, através da educação dos filhos, e na sociedade ao redor (LAGE, 2008; 2013).

A Congregação das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo fazia parte deste movimento ultramarino de expansão do catolicismo. Elas se espalharam pelos quatro cantos do mundo, a fim de cumprirem os ideais propostos pela religião. No caso de Diamantina, a vinda das religiosas francesas teve como principal objetivo fundar o Colégio Nossa Senhora das Dores, que atuou na Casa da Glória por 102 anos.

Até este momento, na década de 1860, a Casa da Glória contava apenas com o casarão da direita de quem sobe a rua, construído no final do século XVIII. À esquerda, no entanto, encontrava-se uma edificação mais recente, já do século XIX, de propriedade de Rodrigo de Souza Reis. Sobre este senhor, quatro, dos seis entrevistados nesta pesquisa, mencionam que as atividades desenvolvidas por Rodrigo de Souza Reis eram conflituosas com as das religiosas. Alguns afirmam que ele era apenas um senhor boêmio. Outros, dizem que ali existia um prostíbulo.

O casarão do outro lado da rua pertencia a um senhor, particular, que promovia festas e que tinha um uso que era conflitante com o uso do colégio (LACERDA, 2014)

Do lado esquerdo, quem mandou construir foi um homem chamado Rodrigo de Souza Reis. E esse Rodrigo de Souza Reis fez este prédio para prostíbulo também. (TIBÃES, 2014)

Antigamente essas casas uma era dum século e outra era de outro, ne? Então que nessa casa de cá [*sinal para esquerda*], se eu não me engano, era um prostíbulo. E aí, com o tempo, as Irmãs compraram, não sei se a cafetina entrou em decadência e elas acabaram ocupando tudo isso aqui (BARBOSA, 2014).

Ao que parece, as atividades de Rodrigo de Souza Reis estavam incomodando as Irmãs do outro lado da rua. Segundo relatos dos moradores da cidade, diversas foram as tentativas de compra da casa boêmia, pelas religiosas, sem sucesso. Porém, em determinado momento, após algumas estratégias das Vicentinas, o dono do prostíbulo resolveu vender-lhes o prédio. Sobre isso, há uma controvérsia. Há quem diga que a negociação ocorreu antes da implantação do Colégio Nossa Senhora das Dores e há quem diga que houve a participação das alunas na presença pela venda:

As Vicentinas propuseram ao dono do bordel a compra do edifício. Como ele se recusou a fazer negócio, religiosas e alunas fizeram uma novena a Nossa Senhora das Dores, ao término da qual receberam, surpresas, a visita do proprietário interessado em vender seu imóvel, o que as Irmãs prontamente aceitaram. Para homenagear a Santa, o Colégio passou a ter o seu nome (MARTINS e MARTINS, 1993)

Não existia o colégio católico quando teve o prostíbulo. Pelo que indica, não. Lá foi doado para as Irmãs que estavam chegando e elas propuseram a compra do outro prédio, o que não foi aceito, o que prova que o negócio do senhor estava em alta, ne, porque ele não aceitou vender o outro pré-

dio. Agora, as Irmãs, para poderem ir contra as atividades do outro prédio, elas colocaram do outro lado da rua, na porta da casa delas, um São José iluminado a noite inteira com velas. Agora imagina, uma cidade igual Diamantina, igual todas cidades que não tinha luz elétrica, não tinha uma boa iluminação, uma pessoa chegar para uma casa boêmia e tendo que enfrentar na frente São José completamente iluminado de velas antes de entrar para as atividades boêmias da noite! Pelo que parece, essas religiosas elas quebraram o negócio que existia na frente e tempos depois o próprio dono do negócio atravessou a rua e vendeu o prédio pra elas (NASCIMENTO, 2015)

Martins (2014), explica que no campo dos valores, a prostituição sempre foi considerada uma ameaça à moralidade e aos bons costumes. Autoridades civis e religiosas preocupavam-se com o contágio das pessoas pela vida escandalosa das meretrizes e decretavam que a moral oficial era baseada nos valores cristãos. Assim, cabia às mulheres cuidar dos afazeres domésticos, honrar seu marido e educar a prole sobre os princípios religiosos. Estas seriam “treinadas” ao longo da vida familiar e escolar para serem boas mães e esposas, terem um comportamento irrepreensível, dócil e submisso.

Neste contexto, era inadmissível ter diante de uma instituição católica, um bordel. Após o esforço das religiosas, o prédio foi vendido, a área da Casa da Glória foi expandida e o Colégio Nossa Senhora das Dores foi então inaugurado no ano de 1867.

“Passa aquilo, passa isso, passo sobe o Passadiço” (1878)

O verso que intitula essa seção, é parte da música “Passadiço”, de Flávio Henrique Alves e Marcos Frederico (2015). Este passadiço, que inspira tantos poemas, pinturas, músicas, fotografias, foi uma das grandes obras feitas pelas Irmãs Vicentinas no Colégio Nossa Senhora das Dores, e serviu como símbolo da campanha “Diamantina Patrimônio Cultural da Humanidade” (1999).

A peculiaridade desta construção deve-se ao fato de ser um corredor suspenso, feito de madeira, que liga os dois prédios da Casa da Glória, sem precisar atravessar a rua (Figura 04). Sua construção está recheada de polêmicas e, parte delas, divide a cidade de Diamantina até os dias de hoje.

O passadiço foi construído no ano de 1878. A primeira polêmica a seu respeito refere-se à intencionalidade de sua construção. De acordo com uma Ata da Câmara Municipal de Diamantina, as religiosas solicitaram às competências a autorização para a construção de um corredor que permitiria a passagem das alunas, de um prédio ao outro, sem transtornos em períodos de chuva e durante o turno da noite.

O secretário deu conta do seguinte expediente: um ofício do excelentíssimo bispo diocesano solicitando licença para construir um passadiço sobre a rua da Glória. A comissão permanente leu com atenção o ofício, fazendo ver a esta câmara a inconveniência da comunicação dos dois edifícios do Colégio Nossa Senhora das Dores pela rua, principalmente durante a noite e na estação chuvosa. É de parecer que se nomeie uma comissão de que deve fazer parte o doutor engenheiro do distrito, afim de examinando com urgência o lugar e obra de que se trata, dê no parecer sobre a forma, altura, e material de que se deve fazer o mencionado passadiço, sem prejuízo ao público e ao embelezamento da rua. (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DE DIAMANTINA, 11 DE MARÇO DE 1878)

Embora sejam estas as intenções declaradas pelas religiosas, o historiador Erildo do Nascimento, em entrevista, afirma que, de certa forma, a construção do passadiço facilitou o transporte entre os imóveis da Casa da Glória, mas que o principal motivo de seu projeto era o de dificultar a proximidade entre as alunas e os rapazes da cidade de Diamantina, ou com qualquer “impureza” que pudesse tornar as jovens menos virtuosas. Nesta concepção, o passadiço passa a ser o próprio símbolo do modelo de educação que as Irmãs Vicentinas ofertavam: uma educação enclausurada, baseada na disciplina, nos valores e nos métodos da religião católica.



Figura 04: Vista interna do passadiço da Casa da Glória, Instituto Casa da Glória, 2015. Foto: Isabella Brandão Lara

Rondando as moças de boas famílias, havia um imenso mundo de desordem sexual e moral que a pregação da Igreja era incapaz de reformar na direção dos ideais católicos. Daí a necessidade de isolar, no lar ou na escola, as jovens moças para mantê-las puras e virtuosas. Os colégios internos foram uma boa solução para esse problema (MARTINS E MARTINS, 1993).

A segunda polêmica posta na construção do passadiço deve-se à sua semelhança com a Ponte dos Suspiros, de Veneza, na Itália. O passadiço europeu leva este nome por ligar dois lados de uma prisão e, através dele, o condenado atravessa pela última vez, antes de ser executado (NASCIMENTO, 2015). Esta conotação mórbida foi motivo de oposição de diversos diamantinenses à construção do passadiço da Casa da Glória.

A terceira crítica vem de um desses cidadãos, que chamava-se Herculano. O Comendador Cula, como era conhecido, foi considerado o maior adversário da criação do passadiço (BARBOSA, 2014; LACERDA, 2014; NASCIMENTO, 2015). Ele morava na Rua da Glória e se via completamente insatisfeito à ideia inovadora. Ele chegou, inclusive, a ir na Câmara Municipal de Diamantina protocolar uma reclamação, mas acabou não tendo o seu pedido deferido. O que levava à ira o Herculano, segundo relatos, eram seus rigorosos princípios. Dizia o Comendador que nunca atravessaria debaixo do passadiço da Casa da Glória para não passar sob as saias das alunas. Além disso, declarava que jamais se deve confiar em quem veste pela cabeça, ou seja, padres, advogados e mulheres. Segundo relatos, o Comendador nunca mais subiu a Rua da Glória. Ele passava por outro caminho, percorria um trajeto mais longo para chegar em casa, mas se recusava a ficar em um patamar inferior a de uma mulher.

A quarta e última questão, que se prolonga até a atualidade, refere-se à identidade do profissional responsável pelo projeto de construção do passadiço. Pela ausência de fontes documentais, parte dos moradores de Diamantina dizem que não conhecem ou não podem afirmar com precisão quem foi o construtor do passadiço da Casa da Glória. Outro grupo, nomeia o engenheiro Catão Jardim como idealizador. A terceira vertente, se não a mais aceita, sem dúvida, a mais divulgada, tem o nome de um artífice inglês como principal construtor. John Rose, ou João Rosa, como era chamado pelos brasileiros, teria vindo para Minas Gerais a convite de Dom Pedro II para trabalhar na Mina de Morro Velho. Quem relata esta história é a senhora Maria da Conceição Duarte Tibães, autora do livro sobre John Rose e viúva de um de seus bisnetos.

[A ideia] surgiu entre Pedro False, John Rose, as Irmãs e o Dom João Antonio dos Santos. Mas, para ser feito este passadiço, precisava da aprovação da prefeitura, que aconteceu. E o papel do Catão Jardim não foi de construtor, ele foi o fiscal, ele veio com a missão de fiscalizar se o passadiço era feito uma coisa sólida e se não ia atrapalhar a paisagem de Diamantina. (TIBÃES, 2014).

O italiano Pedro False seria o responsável pela cobertura do passadiço, que não é composta por telha, mas por folha de flandres. John Rose, o construtor, teria projetado diversos outros edifícios de Diamantina, como a Santa Casa de Misericórdia e a Capela do Hospital (TIBÃES, 2014), além do Seminário Episcopal, o edifício do Fórum (antes, Casa de Cadeia) e o vilarejo de Biribiri (LEMOS, 2006).

Embora esta versão da história seja amplamente difundida, ela convive com, pelo menos, duas outras já mencionadas. Contudo, não há dúvidas da presença de John Rose em Diamantina e do seu trabalho como atífice, arquiteto, pedreiro e carpinteiro. Richard Burton, outro viajante que passou pelas terras Diamantinas no século XIX, relata:

Na noite do meu primeiro dia em Diamantina, estive em casa de John Rose, um inglês de Cornualha, originalmente mineiro de Morro Velho, depois Minerador de Diamante, carpinteiro, pedreiro e arquiteto. Seu último emprego fora no palácio do bispo. Graças a sobriedade e o bom comportamento, ajuntara cerca de £5.000 e agora podia gozar amplamente seu gosto pela independência, em palavras e ações (BURTON, 1977: 89).

O único texto encontrado que menciona esta história, foi escrito por Celina Borges Lemos (2006), professora da Escola de Arquitetura da UFMG. A metodologia utilizada pela pesquisadora para descrever os possíveis

feitos de John Rose foi uma entrevista com a mesma senhora aqui entrevistada, Maria da Conceição Duarte Tibães. Porém, a meu ver, ainda é necessário maior investimento em pesquisa para se afirmar quem é o responsável pelo nascimento do passadiço. **Colégio Nossa Senhora das Dores: Um século de atuação na Casa da Glória (1867-1969)**

O Colégio Nossa Senhora das Dores atuou na Casa da Glória entre os anos de 1867 e 1969. Este cumpria o ideal de educação feminina esperado para a época: formava boas mães de família e eficientes donas de casa (MARTINS E MARTINS, 1993). Com aulas dirigidas ao 1º e 2º graus, o currículo dos primeiros anos de funcionamento contava com aulas de Língua Francesa, Doutrina Cristã, Costura e Bordados, História Sagrada e Profana (ASANO, 2002). Por tamanho refinamento, o colégio atraía alunas de todo o norte e nordeste do estado de Minas Gerais e do sul da Bahia e, embora ofertasse ensino gratuito para jovens órfãs, seu principal público era de moças pagantes, membros de famílias abastadas.

O público do Colégio Nossa Senhora das Dores era dividido em quatro modalidades: as internas, as externas, as semi-internas e as órfãs (LEÃO, 2014). Internas eram as alunas que moravam no colégio por todo o ano letivo. As externas, eram moradoras da cidade e frequentavam somente as aulas no período da manhã. As semi-internas também residiam na região, mas permaneciam nas dependências do colégio até o fim da tarde. Já as órfãs moravam no colégio, em uma ala separada das alunas pagantes, com quem não podiam ter o menor contato. Tinham o mesmo acesso à educação e alimentação das demais, mas deveriam “pagar” as religiosas através da prestação de serviços domésticos.

Por esta ampla audiência, a estrutura física do colégio contava com diversos alojamentos para alunas, salas de aulas variadas, refeitório, biblioteca, laboratórios, capela, pátio, lavanderia, pomar, parlatório, sala de visitas, quartos para as Irmãs, adega e setor administrativo.

Era característico do Colégio Nossa Senhora das Dores a disciplina rígida, o confinamento, longos e repetidos momentos de rezas, regras de silêncio e fila, além de punições. Os princípios da educação feminina nesta época, como já foi dito, exigia muita severidade, vigia e controle (LEÃO, 2014. ABBAS, 214).

Sobre o passadiço, as duas ex-alunas entrevistadas demonstram ter grande apreço por ele. Elas relatam que passavam diariamente pelo passadiço para acessar a capela, que ficava do outro lado da Rua da Glória. Porém, a questão que mais repetem, é a vontade de olhar a paisagem através de suas janelinhas, ação que não era permitida:

Aquele passadiço que a gente ia pra igreja, que a gente passava, nossa, a gente ficava doida pra olhar aquelas janelinhas pra ver se via rapaz, pra falar a verdade. A gente queria ver algum rapaz. Nós não viamos nada, nossa, a gente não podia nem olhar pros lados não. [...] As Irmãs não gostavam que a gente olhasse... não podia nem parar para olhar, não, tinha que passar direto. (LEÃO, 2014).



Figura 05: Vista interna da Casa da Glória. Acervo do Instituto Casa da Glória. Data provável: 1960-1970. Autor desconhecido.

Ele era assim... ele tem as janelas, meia janela de vidro, e elas passavam uma tinta, uma coisa pra gente não enxergar. Branco, né? Passava e a gente não enxergava... as meninas iam com o frizete, raspavam pra poder enxergar lá embaixo (ABBAS, 2014).

Para manter ainda mais o isolamento das alunas, as religiosas pintavam os vidros das janelas para que não houvesse contato algum com o mundo externo, mesmo que este fosse apenas visual. Com o passar das décadas, a Casa da Glória sofreu sérios problemas estruturais que a levou para uma situação de amplo comprometimento do seu patrimônio (Figura 05).

Grande foi o esforço das religiosas para angariar recursos financeiros e apoio de órgãos estatais, a fim de restaurar o prédio da Casa da Glória e fazer sua manutenção.

Há alguns meses escrevi para o Sr. Diretor do Patrimônio, no Rio de Janeiro, contando a nossa situação e pedindo recursos para pintar o nosso prédio tombado. Faz 100 anos agora em julho que o colégio funciona em Diamantina e queremos comemorar o centenário de um modo digno de suas tradições. [...] Por favor, não despreze o nosso pedido. Não estamos em condição de fazer gastos, nosso Orfanato é numeroso e que entra e sai com roupas e alimentação. (CARTA DE IRMÃ GUIMARÃES. DIAMANTINA, 04 DE ABRIL DE 1967).

Já pedimos aos Srs. Diretores do Patrimônio Histórico e não alcançamos respostas. A casa é tombada pelo Patrimônio e é este, sr. Presidente, o pedido que dirijo a V. Exa.: uma ordem para os senhores diretores do Patrimônio, para que eles não deixem cair a casa. (CARTA DE IRMÃ LOURDES AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA ERNESTO GEISEL. DIAMANTINA, 19 DE SETEMBRO DE 1977)

Como foi demonstrado nos recortes de cartas apresentado acima, durante muitos anos as Irmãs Vicentinas uniram forças para tentar preservar o prédio. Tal pedido não foi atendido, o que levou as gestoras da instituição a construir nova sede, na mesma rua, poucos metros acima da Casa da Glória.

Na década de 1970, a Casa da Glória foi vendida para o Ministério da Educação, que providenciou sua completa restauração junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e desde então alí funciona o Instituto Eschwege de Geociências, ligado à Universidade Federal de Minas Gerais e o Instituto Cultural Casa da Glória.

A Casa da Glória hoje é aberta ao público, com entrada gratuita, que pode usufruir do seu espaço para relembrar parte da história de Diamantina.

Considerações Finais

Através do rico acervo de histórias que envolvem a Casa da Glória, é possível mensurar a sua importância para a cidade de Diamantina. Além de se portarem como guardiões do imóvel, a população do município toma este lugar como ponto de encontro de festas religiosas, como a do Rosário e a do Divino, como sede de festivais de inverno, congressos, seminários e sede de trabalhos de campo de estudantes e pesquisadores.

Não é a toa que, por iniciativa popular, a Casa da Glória foi escolhida como símbolo da campanha "Diamantina Patrimônio Cultural da Humanidade", que levou ao seu tombamento internacional pela UNESCO no ano de 1999.

Paralelamente, para a historiografia de Minas Gerais, a Casa da Glória representa o próprio povo mineiro: ora sagrada, ora profana, ora envolvida na política e economia, ora se misturando as festas e representações culturais. Assim, conhecer mais de sua história contribui não só para a preservação de seu bem material, mas reforça a identidade de seus aspectos arquitetônicos e culturais que dão rica contribuição para a paisagem de Diamantina.

REFERÊNCIAS

- ABBAS, América. Diamantina, Minas Gerais, 08 de julho de 2014. Entrevista concedida a Isabella Brandão Lara.
- ASANO, S. N. . Vigiai e Oraí: a Associação das Filhas de Maria e a preparação das mulheres para a missão de 'guardiãs naturais da moral e da religião'. In: V Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília, 1999, Brasília. Anais do V Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília. Brasília: EdUnB, 1999. p. 234.
- ASANO, S. N. . Colégio Nossa Senhora das Dores e a formação de piedosas Filhas de Maria, dedicadas professoras e perfeitas esposas. In: II Congresso Brasileiro: História, Memória da Educação Brasileira, 2002, Natal. Anais do II Congresso Brasileiro: História e Memória da Educação Brasileira. Natal: Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, 2002.
- BARBOSA, Joaquim Ribeiro. Diamantina, Minas Gerais, 08 de julho de 2014. Entrevista concedida a Isabella Brandão Lara.
- BURTON, Richard Francis. **Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico**. Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- CAMARGO, Angélica Ricci. **Intendência dos Diamantes**. Disponível em: <http://linux.an.gov.br/mapa/?p=3987>. Acesso dia 29 de abril de 2015.
- LACERDA, Mariana de Oliveira. Diamantina, Minas Gerais, 06 de julho de 2014. Entrevista concedida a Isabella Brandão Lara.
- LACERDA, Mariana de Oliveira. **Paisagem da Terra dos Diamantes: passado e presente a favor de uma reflexão prospectiva**. Tese de Doutorado. Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, vol. 2, 2014b.
- LAGE, Ana Cristina Pereira. Pedagogia vicentina: as primeiras escolas confessionais femininas em Minas Gerais na segunda metade do século XIX (Mariana e Diamantina). In: V Congresso Brasileiro de História da Educação, 2008, Aracaju. V Congresso Brasileiro de História da Educação. Aracaju: UFSE, 2008.
- LAGE, Ana Cristina Pereira. Conexões Vicentinas: Particularidades Políticas e Religiosas da Educação Confessional em Mariana e Lisboa Oitocentistas. Jundiá: Paco Editorial. 2013. 217p.
- LEÃO, Aparecida. Diamantina, Minas Gerais, 07 de julho de 2014. Entrevista concedida a Isabella Brandão Lara.
- LEMOES, Celina Borges . Diamantina e sua arquitetura nos contextos da formação do arraial e consolidação da vida: registros e manifestos da modernidade na paisagem cultural entre os séculos XVIII e XIX. In: Anais XIII Seminário sobre Economia mineira 2006. Diamantina: CEDEPLAR/FACE, 2006. p. 72-93.
- MACHADO FILHO, Aires da Mata. **Arraial do Tijuco Cidade Diamantina**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- MARTINS, Marcos Lobato. **Breviário de Diamantina: uma história do garimpo de diamantes nas Minas Gerais (século XIX)**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014. 431 p.
- MARTINS, Júnia M. Lopes; MARTINS Marcos Lobato. O Colégio Nossa Senhora das Dores de Diamantina e a educação feminina no norte/nordeste mineiro (1860-1940). In: **Revista Educação**. Belo Horizonte: s/e, nº17, junho, 1993.
- MOURÃO, Paulo Kruger Corrêa. **O ensino em Minas Gerais no tempo do Império**. Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1959.
- NASCIMENTO, ERILDO. Diamantina, Minas Gerais, 19 de janeiro de 2015. Entrevista concedida a Isabella Brandão Lara.
- TIBÃES, Maria da Conceição Duarte. Diamantina, Minas Gerais, 07 de julho de 2014. Entrevista Concedida a Isabella Brandão Lara.
- SAINT-HILLAIRE, Auguste. **Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil**. Tradução de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia. 1974. 233 p.
- SANTOS, Joaquim Felício. **Memórias do Distrito Diamantino**. Belo Horizonte:Itatiaia. 4ªed. 1976. 338p.
- SECRETARIA DO ESTADO DE TURISMO DE MINAS GERAIS. **Diamantina**. Disponível em: <http://www.turismo.mg.gov.br/component/content/article/41/368-diamantina>. Acesso em 22 de abril de 2015.
- SILVEIRA, Carlos Eduardo et al. Caminhos do turismo em Diamantina: a relação com a origem mineradora, a cultura e o título de patrimônio cultural da humanidade. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 01 – Ano I – 05/2012**
- W4 FILMES. Ouço Passos no Passadiço. Direção Isabella Brandão e Leandro Wenceslau. (35min).Belo Horizonte: 2015.

DOCUMENTOS:

- Ata da Câmara Municipal de Diamantina**. 11 de março de 1878. Câmara Municipal de Diamantina
- Carta de Irmã Guimarães ao Diretor do IPHAN**. Diamantina, 04 de abril de 1967. Superintendência Regional do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- Carta de Irmã Lourdes ao Presidente da República Ernesto Geisel**. Diamantina, 19 de setembro de 1977. Superintendência Regional do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- Inventário de Josefa Maria da Gloria** – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina.